

***Comic books* e a Igreja Adventista do Sétimo Dia: conflitos e aproximações nos periódicos de língua inglesa¹**

Gustavo KINDERMAN²
Roberta Fritzke CORRÊA³
Allan NOVAES⁴

RESUMO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) teve seu início no século XIX e, paralelo à sua organização, os pioneiros da IASD criaram periódicos com o intuito de instruir seus novos membros. Em algumas publicações subsequentes foi observada a aparição de discussões que tratavam sobre assuntos que de alguma forma preocupavam a liderança da denominação, destacando-se dentre eles a temática das histórias em quadrinhos (HQs). A relação do adventismo com as HQs possui um passado conflituoso e tenso, sendo os gibis considerados por muito tempo no Brasil como “subliteratura” e promotores de crimes e vícios. Diante desse contexto, este artigo pretende colaborar com os estudos da relação adventismo-HQs ao identificar o pensamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos a respeito das *comic books* através de três de seus principais periódicos: *The Youth's Instructor*, *The Ministry* e *Review and Herald*. Para tanto, serão pesquisados nesses periódicos os vocábulos *comic* e *comic books* através do site do Escritório de Arquivos, Estatística e Pesquisa da Igreja Adventista do Sétimo Dia (ASTR), no período de 1943 a 2014. Através da catalogação das ocorrências dos termos e dos sentidos que orbitam os mesmos, esta pesquisa propõe-se a periodizar a compreensão que o adventismo norte-americano possui dos quadrinhos, através do recorte analisado. Nessa periodização, é possível declarar que em um primeiro momento existe uma demonização dos quadrinhos na visão adventista, mas que posteriormente transforma-se em aceitação e até mesmo utilização das HQs como ferramenta evangelística.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia e religião; Adventismo; *Comic books*; histórias em quadrinhos.

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016.

² Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho (Unasp-EC). E-mail: gustavo.kinderman@gmail.com.

³ Bacharelada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho (Unasp-EC). E-mail: roberta.fritzke@unasp.edu.br.

⁴ Doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP. Professor da Faculdade de Teologia e dos cursos de Comunicação Social e Jornalismo do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho (Unasp-EC). E-mail: allan.novaes@unasp.edu.br.

1. Introdução

As Histórias em Quadrinhos (HQs) sempre estiveram associadas à ideia de hibridismo ao apresentar um diálogo mais intenso e intencional entre texto e imagem. Uma das primeiras histórias em quadrinhos de que se tem registro foi criada pelo artista americano Richard Outcault, em 1895 (MOYA, 1986). A linguagem das HQs, com a adoção de um personagem fixo, narrativa fragmentada em quadros e balões de diálogo, surgiu nos jornais sensacionalistas de Nova York com o Yellow Kid, criado por Outcault. As tirinhas de Outcault fizeram tanto sucesso que os grandes jornais nova-iorquinos entraram em conflito para ter o Yellow Kid em suas páginas (MOYA, 1986).

Nos anos 1930, as tirinhas de jornais americanos haviam diversificado suas temáticas e se popularizado a tal ponto que várias editoras resolveram reuni-las em formatos de pequenos livros. Assim, surgiam as *comics* ou *comic books*. A origem das HQs ocorreu mais ou menos na mesma época da invenção de outras tecnologias midiáticas, como o cinematógrafo, mas, diferente do que aconteceu com o cinema, que desde sua estreia foi considerado a sétima arte, os quadrinhos não receberam da crítica a devida importância. As HQs foram consideradas má influência para crianças e adolescentes, sendo classificados como “subliteratura” (GRAVETT, 2005 e HAJDU, 2009). A inovação temática e narrativa dos quadrinhos provocou grande estranhamento e as impressões iniciais sobre as HQs transportaram a arte sequencial para o submundo da subliteratura, onde permaneceria por várias décadas (SCOTT, 1993).

A despeito de sua origem conturbada, os quadrinhos despertaram bastante interesse de pesquisadores das ciências humanas e sociais, inclusive no Brasil. Dentro do universo dos estudos acadêmicos sobre quadrinhos, a intersecção entre a religião e a nona arte também tem sido alvo de pesquisas, destacando-se a obra *Religiosidades nas histórias em quadrinhos*⁵. Reblin (2010) afirma que é possível haver quatro tipos de interações entre as duas, sendo elas: quadrinhos produzidos por instituições religiosas, quadrinhos com temas reconhecidamente e intencionalmente religiosos, quadrinhos com

⁵ Ver Reblin e Braga Jr. (2015).

religião como ilustração contextual, quadrinhos como expressão das estruturas simbólicas e religiosas. Segundo ele,

a primeira é, naturalmente, a religião (fé, doutrinas, elementos do âmbito religioso, etc.) tal como apresentada pela Instituição Religiosa. [...] A segunda interseção remete aos quadrinhos com temas reconhecidamente e intencionalmente religiosos. Naturalmente, esta possui intersecções também com a primeira, em termos nominativos. Entretanto, inserem-se aqui as histórias de personalidades religiosas, lideranças, as representações de mitos, lendas e sagas de tradições religiosas não produzidas por instituições religiosas ou editoras vinculadas a estas ou ainda agindo sob o aval e a tutela destas. [...] O terceiro ponto de intersecção remete aos quadrinhos com religião como ilustração contextual. Essa seria sim uma perspectiva bem mais periférica e pontual, embora, nem por isso não intencional. Nessa direção, a religião não apareceria diretamente na narrativa, mas como uma ilustração do universo simbólico-cultural no qual os personagens estão incluídos. [...] Por fim, o último ponto de intersecção remeteria a Quadrinhos como expressão das estruturas simbólicas e religiosas. [...] Aqui se incluíam histórias em quadrinhos, sobretudo, quando estas não são produzidas por instituições religiosas com finalidades catequéticas, de propagação da fé, ou quando ainda não apresentam histórias de personagens bíblicos ou temas referentes ao universo do sobrenatural (anjos, demônios, espíritos, rituais litúrgicos), elementos que são, geralmente, associados ao universo religioso (REBLIN, 2010, p. 171-174).

Diante dessas possibilidades de diálogo entre os quadrinhos e a religião, faz-se necessário também recorrer ao estudo do pensamento eclesiástico sobre a arte sequencial. Parte das possibilidades delimitadas por Reblin passam pela postura que grupos religiosos demonstraram a respeito dos quadrinhos e a discussão – eclesiástica e até teológica – de como os quadrinhos poderiam ser usados no contexto da denominação.

Discussões e debates dessa natureza surgiram nos Estados Unidos especialmente a partir dos anos 1930, com a grande quantidade de títulos de histórias em quadrinhos, cujos temas variavam de aventureiros especiais, jovens sedutoras, meninos endiabrados, detetives implacáveis e, obviamente, super-heróis. Nesse cenário, a publicação em 1954 do livro *Seduction of the innocent*, pelo psiquiatra Fredric Wertham, comoveu a opinião pública norte-americana, iniciando uma cruzada conservadora contra a nona arte (GRAVETT, 2005 e HAJDU, 2009).

Wertham (1954) relata que as histórias em quadrinhos e as narrativas de super-heróis promoviam a delinquência infantil, homossexualidade, violência, crime, sadismo

e até o uso de drogas. Segundo ele, as HQs e especialmente as que abordavam assuntos de crime e horror, modelavam o comportamento de crianças e jovens, tornando-os susceptíveis aos valores e ideologias propagados.

Muitos adultos pensam que os crimes descritos nas histórias em quadrinhos estão distantes da vida das crianças, que, para as crianças, eles são meramente algo imaginário ou fantástico. Mas nós achamos que isso é um grande erro. Quadrinhos e vida estão conectados. Um assalto a banco é facilmente traduzido para o furto de uma loja de doces. Delinquências restritas anteriormente a adultos estão sendo cada vez mais cometidas por jovens e crianças (WERTHAM, 1954, p.25)⁶.

Frente ao cenário descrito por Wertham, muitas denominações cristãs norte-americanas se pronunciaram contra as HQs, recomendando a seus membros que se afastassem desse tipo de leitura. O mesmo ocorreu com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que tem sua origem ligada ao movimento milerita do século 19, e cuja data oficial de fundação é 1863 (LOUGHBOROUGH, 2014, p. 149). A denominação adventista é marcada por forte vocação apocalíptica, cujo discurso evangelístico concentra-se na volta de Jesus à Terra (KNIGHT, 2005 e 2011). Como estratégia para o cumprimento desses objetivos, e também instruir a membresia em crescimento, diversos pioneiros e líderes da denominação apostaram na publicação de periódicos. Antes mesmo da organização do movimento adventista como igreja, em 1850 foi publicada a revista *Second Advent Review and Sabbath Herald*, que tornou-se a *Review and Herald* e posteriormente *Adventist Review*, sendo atualmente o principal órgão de comunicação da Igreja Adventista no território norte-americano. E, em agosto de 1852, iniciaram-se as publicações da *Youth's Instructor*, revista voltada exclusivamente para o público jovem (LOUGHBOROUGH, 2014, p. 214).

Dessa forma, o presente artigo pretende colaborar com os estudos da relação adventismo-HQs ao identificar o pensamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos a respeito das *comic books* através de três de seus principais periódicos:

⁶ Trecho original: "Many adults think that crimes described in comic books are so far removed from the child's life that for children they are merely something imaginative or fantastic. But we have found this to be a great error. Comic books and life are connected. A bank robbery is easily translated into the rifling of a candy store. Delinquencies formerly restricted to adults are increasingly committed by young people and children"

as já mencionadas *The Youth's Instructor* e *Review and Herald*⁷ e a revista *Ministry*, criada em 1928 e cujo público-alvo são os pastores da denominação. Para tanto, foram pesquisados nesses periódicos os vocábulos *comic* e *comic books* através do site do Escritório de Arquivos, Estatística e Pesquisa da Igreja Adventista do Sétimo Dia (ASTR)⁸, no período de 1933 a 2014. No levantamento foram encontradas 255 menções do termo *comic* e 198 do termo *comic books* distribuídas em 239 matérias, somando as três revistas analisadas. Por meio de uma catalogação sistematizada das ocorrências dos termos e dos sentidos que orbitam os mesmos, este artigo propõe a periodização da compreensão que o adventismo norte-americano possui dos quadrinhos, dentro do recorte analisado. Dessa forma, categorizou-se a compreensão e a postura adventista em relação aos quadrinhos em três períodos, a saber, 1933 a 1940, 1941 a 1959 e 1960 a 2014.

PRIMEIRO PERÍODO (1933-1940)

O primeiro período foi marcado pela completa rejeição às histórias em quadrinhos, sendo que todas as menções aos termos *comic* ou *comic books* são críticas endereçadas às tirinhas que aparecem nos jornais e não aos gibis em si – sendo a primeira delas em 1933. Diz-se que as tirinhas possuem um “humor baixo”⁹, ideias confusas, e fazem um “retrato rude e tolo da vida”¹⁰. São descritas como uma forma barata de entretenimento, sem valor informativo relevante¹¹. Em um artigo de 1938 da revista *Youth's Instructor*¹², a autora Lora E. Clement chega a enaltecer o popular jornal *The New York Times* por não ter tirinhas em suas edições.

No ano de 1936 aparece o primeiro artigo destinado especificamente sobre *comic books* – e não tirinhas – em periódicos adventistas. Em *Shall I Read The*

⁷ Cujo nome posteriormente seria *Adventist Review*. Foi decidido manter o nome *Review and Herald* porque foi nessa fase da revista que ocorreu a maior parte das menções às *comic books*.

⁸ The Office of Archives, Statistics, and Research: <https://www.adventistarchives.org>.

⁹ Disponível em: <<http://goo.gl/A6MzFM>> Acesso em: 22 jun. 2016.

¹⁰ Disponível em: <<http://goo.gl/3LMCxx>> Acesso em: 22 jun. 2016.

¹¹ Disponível em: <<http://goo.gl/qKYpx7>> Acesso em: 22 jun. 2016.

¹² Disponível em: <<http://goo.gl/ks0f9i>> Acesso em: 22 jun. 2016.

*Comics?*¹³, Scott Tandy, autor do texto, indaga se ao ler quadrinhos ele estaria reconhecendo a Deus, ou seja, se relacionando com Ele. Tandy afirma ter sido ávido leitor de quadrinhos, entretanto ele não sabia se isso era de fato uma atitude correta. Por causa dessa dúvida ele decidiu reunir pontos a favor e pontos contra os *comic books*, e por último, fazer uma pesquisa com estudantes e professores de sua universidade para embasar sua decisão de continuar ou não lendo quadrinhos.

Ainda segundo o relato de Tandy, os estudantes em sua maioria liam tirinhas e quadrinhos e não consideravam esse hábito prejudicial, porém admitiam que ler esse tipo de literatura era uma perda de tempo. Os professores, por sua vez, criticaram os quadrinhos, dizendo que eles retratavam um lado errado da vida, além de serem prejudiciais pelo excesso de gírias e coloquialismo. Além disso, acreditavam que as cenas criminosas contidas nos quadrinhos poderiam influenciar os jovens a repeti-las, e que, por último, os quadrinhos enfraqueciam a mente tornando-a incapaz de pensamento profundo.

Tandy concluiu, então, que ao ler os quadrinhos, primeiro ele deixava uma das avenidas da sua alma desguardada, dando abertura para Satanás agir. Segundo, ler tirinhas e quadrinhos era uma perda de tempo. Terceiro, que algumas das tirinhas são extremamente realistas, sórdidas, e não edificantes, enquanto outras eram extremamente o oposto da realidade, ou seja, fantasiosas. E, por último, que os quadrinhos eram prejudiciais para as crianças.

Conclui-se desse período que, apesar das poucas menções aos quadrinhos em seus periódicos, os textos demonstram uma postura de extrema rejeição às tirinhas de jornal e aos quadrinhos (sendo o primeiro muito mais mencionado e analisado do que o segundo), com argumentos ligados mais aos supostos prejuízos mentais, sociais e morais.

¹³ Disponível em: <<http://goo.gl/VWkKcx>> Acesso em: 22 jun. 2016.

SEGUNDO PERÍODO (1941-1959)

Nesse período, o debate público sobre o uso da revista em quadrinhos foi abordado de forma mais intensa que no período anterior, em parte pelo crescimento da indústria de quadrinhos¹⁴, e em parte pela publicação da obra de Wertham, em 1954.

A grande repercussão da obra de Wertham sobre diversos segmentos da sociedade norte-americana, que englobava desde associações de professores, pais e até mesmo, bibliotecários, exigiu das editoras norte-americanas na *Association of Comics Magazine* uma solução frente aos riscos iminentes da leitura desse material. Em virtude disso, as editoras estabeleceram os primeiros códigos de ética que seriam seguidos pelos *comic books* publicados nos Estados Unidos, além de receberem um selo fixado de forma visível na capa corroborando a qualidade de seu conteúdo (CAMPOS, 2013, p. 58).

Nos periódicos adventistas, todos os artigos escritos sobre a nona arte julgam que a leitura de tirinhas e revistas em quadrinhos é prejudicial. Um dos artigos, publicado em 1947, intitulado *There's Nothing Funny About the Comics*¹⁵ e escrito por Spencer W. Burrows, condena a leitura das revistas em quadrinhos de super-heróis. Entre vários motivos apontados por ele, um dos principais é a suposição de que as crianças que liam essas histórias eram mais impressionadas com os planos maléficos e maldades dos vilões em vez do salvamento dos heróis. O artigo também critica o processo de impressão imperfeita da época, afirmando que as imagens borradas prejudicariam a visão do leitor. Burrows também aponta que a leitura frequente dos quadrinhos impedia o desenvolvimento do vocabulário, prejudicaria o dom da imaginação, estagnaria a mente, e anularia o interesse em bons livros. Ao final, o autor aconselha os pais a não deixarem os seus filhos lerem HQs, pois em última análise essa são livros de Satanás. Em contrapartida, os pais deveriam guiar seus filhos à leitura primeiramente da Bíblia e depois de livros de autores adventistas.

Outro artigo é o *Popular Nothings*¹⁶ de Caris H. Lauda. O autor mostra que as *comics* estavam se tornando muito populares, chegando a rivalizar a atenção com os filmes. Porém, apesar de seu sucesso comercial, os quadrinhos continuavam oferecendo

¹⁴ Jarcem (2007, p. 5) chega a afirmar que nesse período foram criados cerca de 400 super-heróis.

¹⁵ Disponível em: <<http://goo.gl/F4Lppc>> Acesso em: 22 jun. 2016.

¹⁶ Disponível em: <<http://goo.gl/APTWLD>> Acesso em: 22 jun. 2016.

conteúdo irrelevante. Lauda usa os escritos bíblicos de Paulo encontrados em Filipenses para “testar” as HQs, chegando à conclusão de que elas não passam nesses filtros, porque “não são verdadeiras, não são honestas, não são justas, não são puras, não são amáveis, e não têm boa fama”. Por esse motivo, Lauda defende a ideia de que as HQs deveriam ser banidas, afirmando que o Diabo é pai delas. Ao final, o autor dá indícios que a leitura de quadrinhos é um estimulante violento para as crianças, e que sua “injeção hipodérmica de sexo e assassinato” faria com que as crianças ficassem impacientes com livros considerados “melhores”.

Outro artigo que foca em como os quadrinhos influenciam seus leitores à violência e a prática de crimes é *720,000,000 Lessons in Crime*¹⁷ (o número do título referente ao número de HQs que eram vendidas por ano nos EUA, segundo o artigo), por R. E. Finney, Jr. No texto, conta-se a história de um rapaz chamado Harry Medos, que planejou um assalto a um banco com mais dois colegas. Porém, o plano foi descoberto pela polícia e no dia do assalto houve confronto entre os ladrões e os policiais. Medos acabou matando um policial e conseqüentemente foi preso. Na cadeia ele disse que aprendeu a cometer crimes graças às *comic* e aos filmes. Um ponto interessante no texto de Finney Jr é que, para ele, há uma grande diferença entre as tirinhas de jornal, *comic*, e as revistas em quadrinhos, *comic books*. Enquanto na primeira seria possível perceber alguma tentativa de humor, na segunda valoriza-se mais “a violência, a perversidade e o sexo”.

A opinião dos autores adventistas da Igreja Adventista, obviamente, não era única e nem inédita. Pelo contrário, ela se repercutia o clamor popular dos segmentos conservadores da sociedade norte-americana pós-Wertham sobre os quadrinhos. Logo, o segundo período é marcado pelas muitas notícias de demonização das HQs, incluindo aí relatos de acontecimentos da época. Por exemplo, alguns artigos mencionam histórias sobre a destruição de mais de 2000 gibis por alunos de uma escola paroquial em uma cerimônia com uma grande fogueira em Chicago, Illinois,¹⁸ sobre uma onda de protesto contra a venda de quadrinhos em Richmond, Indiana, que resultou no banimento de 30

¹⁷ Disponível em: <<http://goo.gl/RFkgNI>> Acesso em: 22 jun. 2016.

¹⁸ Disponível em: <<http://goo.gl/5LhJpI>> Acesso em: 22 jun. 2016.

diferentes tipos de *comics books* das bancas de jornais locais¹⁹, e sobre uma Associação de Farmacêuticos que, junto a um grupo de clérigos e leigos de Phoenix, Arizona, tentavam a proibição de circulação de cerca de 40 publicações de histórias em quadrinhos, com o argumento de que elas apresentavam propaganda comunista e assassinatos brutais²⁰.

Em meio a tantas críticas nesse segundo período, por dois momentos houve menções de aceitação às *comic books* – e é exatamente isso que o diferencia do primeiro período da categorização aqui proposta, além do aumento considerável de menções às HQs nos textos dos periódicos analisados. Em 1941 e 1943 os editoriais da *The Youth's Instructor* e da *Ministry Magazine*, respectivamente, noticiaram o surgimento de uma revista em quadrinhos chamada *True Comics*, que seria um livro educacional nos moldes das populares HQs, mas bastante diferente em seu conteúdo e no tratamento editorial. Isso se daria pelo fato dessa HQ conter histórias baseadas em eventos reais, ao invés de tramas com personagens fictícios e “histórias impossíveis”.

Portanto, o segundo período é marcado pela intensa abordagem sobre o tema HQs nos periódicos adventistas, consolidando e intensificando a abordagem demonizadora demonstrada no primeiro período. Ademais, o segundo período também se destaca pelas menções majoritárias às HQs – em vez das tirinhas – e a duas menções positivas nos anos 1940.

TERCEIRO PERÍODO (1960-2014)

Nesse período ocorreu uma segmentação no mercado das histórias em quadrinhos, surgindo diversas histórias voltadas para o público adulto, entre eles quadrinhos underground, autorais e as *graphic novels* (GRAVETT, 2005). Os quadrinhos que mantinham como público-alvo o infanto-juvenil precisavam de aprovação, como por exemplo a do Comics Magazine Association of America (CMAA) (CAMPOS, 2013, p. 70).

¹⁹ Disponível em: <<http://goo.gl/G0tn9L>> Acesso em: 22 jun. 2016.

²⁰ Disponível em: <<http://goo.gl/Fgj2bJ>> Acesso em: 22 jun. 2016.

Depois de duas décadas de excessiva ênfase no assunto, o terceiro e último período é marcado pela queda nas menções e artigos sobre *comic* e *comic books*. As menções encontradas nesse período, em geral, criticam o uso das histórias em quadrinhos, principalmente por exalarem um ar de violência e decadência moral. Porém, é possível perceber que as críticas não são direcionadas, em sua maioria, ao *comic books* de forma isolada. Os autores associam as HQs à outras formas de entretenimento, e então criticam os produtos da “cultura de massa” como um todo.

Exemplos dessa abordagem estão no editorial da *Review and Herald* de 27 de fevereiro de 1975 e no artigo :

“A coisa surpreendente é que tantos cristãos professos não conseguem discernir a política do inimigo. Sem pensar, se juntam com os incrédulos para beber das cisternas do mundo - que são sua literatura, seus filmes, seus eventos esportivos, seus programas de variedades, a sua música, seus quadrinhos.”²¹

Um fato importante, e que pode ser considerado como divisor de águas, é encontrado nesse período. Em 1984, a *Adventist Review* (antiga *Review and Herald*) publicou uma coluna, na parte da revista chamada “Rádio Mundial Adventista”, na qual correspondentes contam histórias e notícias da igreja em vários lugares do mundo. Na parte dedicada ao Norte da Europa, R. E. Appenzeller, Diretor Associado de Publicações da sede mundial da denominação, anuncia que os adventistas europeus começariam a contar a história bíblica de uma forma “nova e simples”: em quadrinhos.²² A Igreja Adventista na Europa, conta o artigo, “percebeu” que boa parte da população não se interessava em escutar pregações de evangelistas e nem lia os livros impressos e distribuídos pelas casas publicadoras adventistas. Por isso, planejava-se adotar um método não-tradicional à época para se aproximar do público europeu, e que consistia em desenvolver uma revista em quadrinhos da Bíblia, onde o Antigo e o Novo Testamento seriam contados nos moldes das *comic books* norte-americanas.

Na matéria, o autor explica que, tradicionalmente a Igreja Adventista é relutante em usar *comic books*, mas ela decidiu inovar pelo fato dos quadrinhos serem

²¹ Disponível em: <<http://goo.gl/7J5hjZ>> Acesso em: 22 jun. 2016.

²² Disponível em: <<http://goo.gl/bHp5yv>> Acesso em: 22 jun. 2016.

bem populares entre crianças, jovens e adultos. Os quadrinhos seriam uma porta de entrada para evangelização, tendo como objetivo levar as pessoas impactadas à leitura da Bíblia e de literaturas de cunho evangelístico. O ousado projeto teria três volumes com 144 páginas cada, e seria lançado em 1984 em nove línguas diferentes. O ilustrador e teria como ilustrador seria John Pickering e os roteiristas Carol-Joy Patrick e David Patrick. Abaixo segue imagem de divulgação da HQ bíblica como consta na matéria da *Adventist review*.



A presente pesquisa consultou as menções às HQs em periódicos adventistas cujas edições foram até maio de 2016. Dessa forma, a última menção aos quadrinhos encontrada foi no ano de 2014, na revista *Ministry*, na qual se noticia o lançamento do game para celular chamado *Heroes*, no qual o desenvolvedor do jogo explana sobre como são relevantes as abordagens evangelísticas através das tecnologias, incluindo as histórias em quadrinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do recorte de três importantes periódicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia em língua inglesa – *The Youth's Instructor*, *Ministry* e *Review and Herald* – sobre a

postura da denominação em relação aos quadrinhos, percebeu-se que essa relação pode ser dividida em três fases. Em um primeiro momento, que vai de 1933 a 1940, apesar das poucas menções aos quadrinhos em seus periódicos, os textos demonstram uma postura de extrema rejeição às tirinhas de jornal e aos quadrinhos (sendo o primeiro muito mais mencionado e analisado do que o segundo). Os argumentos para essa demonização se baseiam na ideia de que as HQs são perda de tempo e enfraquecem a mente, além de causarem desinteresse em literaturas construtivas e de cunho religioso.

O segundo período, de 1940 a 1959, foi marcado por uma intensificação da abordagem demonizadora dos quadrinhos, apontando o meio como responsável pelo aumento da criminalidade, e pela banalização da sexualidade. Nesse período, o número de notícias e opiniões condenatórias é muito maior do que a fase anterior. Ademais, o segundo período também se destaca pelas menções majoritárias às HQs – em vez das tirinhas – e a duas raras menções positivas nos anos 1940. Isso se deu em grande parte pelo clamor dos setores conservadores nos Estados Unidos em 1950 a partir do lançamento do livro *Seduction of the innocent*, do psiquiatra Fredric Wertham, que acusava as HQs de produzir diversos vícios e males metais e morais.

Na última fase, que vai de 1960 até a última menção em 2014, as menções às HQs diminuem, mas esse tipo de literatura continua sendo visto como ruim e prejudicial. A maior parte das críticas às HQs, no entanto, é feita no contexto à crítica dos produtos da cultura de massa, isto é, as HQs são criticadas na maior parte das vezes junto a outras formas de entretenimento.

Diante desse panorama, pode-se afirmar que, no recorte analisado, o adventismo demoniza a arte sequencial em sua manifestação comercial, atribuindo a ela, em um primeiro momento, a responsabilidade por crimes, problemas sociais e mentais, recomendando a abstinência como solução. As poucas menções neutras ou positivas referem-se ao uso das HQs como ferramenta evangelística ou como instrumento educativo ao apresentar histórias reais e não fantasiosas.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Cláudio César de Oliveira. **Quadrinhos e o incentivo à leitura**. 2013. xviii, 142 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GRAVETT, Paul. **Graphic novels: everything you need to know**. New York: Collins Design, 2005.

HAJDU, David. **The ten-cent plague: the great comic book scare and how it changed America**. Picador: New York, 2009.

JARCEM, René. História das histórias em quadrinhos. **História, imagem e narrativas**, n. 5, set. de 2007, p. 1-9.

KNIGHT, George. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo: estamos apagando nossa relevância?** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LOUGHBOROUGH, J. N. **The Great Second Advent Movement: Its Rise and Progress**. Oregon: Adventist Pioneer Library, 2014.

MOYA, Álvaro. **História da História em Quadrinhos**. São Paulo: L&PM, 1986.

REBLIN, Iuri Andréas. A teologia e a saga dos super-heróis: valores e crenças apresentados e representados no gibi. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, v. 22, p. 13-21, maio/ago. 2010.

REBLIN, Iuri; BRAGA JR, Amauri (orgs.). **Religiosidades nas histórias em quadrinhos**. Leopoldina: Aspas, 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro;; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu (orgs.). **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Editora Criativo, 2013.

WERTHAM, Fredric. **Seduction of the innocent**. New York/Toronto: Rinehart & Company, 1954.